

# A ILLUSTRACÃO

## LUSO-BRAZILEIRA.



### REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GÓMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

### Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 35600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 15000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 39. — SABBADO, 27 DE SETEMBRO DE 1856.

PROVINCÍAS — FRANCO — ANNO 45000 — Semestre 25100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 35000.

### SUMMARY.

Africa portugueza no tempo d'el-rei D. João III — Contos e lendas (continuação) — Os reis de Franca da primeira raça, e o uso dos cabellos compridos — O Castigo do Senhor (continuação) — A Solidão, poesia — Desembarque do marechal Pelissier — Retratos dos nossos homens politicos (continuação) — O coronel Lake e o tenente coronel Teesdale — Praça do Pelourinho em Lisboa — Modas — Chronica Semanal.

GRAVURAS — Praça do Pelourinho em Lisboa — O coronel Lake — O tenente coronel Teesdale — Desembarque do marechal Pelissier em Marselha — Modas.

### AFRICA PORTUGUEZA NO TEMPO D'ELREI D. JOÃO III.

«A paz, de que estes reinos gozavam á sombra d'el-rei D. João, fez parecer a alguns, que aquelles dourados tempos degeneravam do antigo esforço, e se esqueciam do desejo, que os reis passados tinham de grandes conquistas, e gloriosas empresas, porque considerando o muito favor, que elrei D. João dava ás cousas da paz, applicando-se todo a dilatar a fé, promover o culto divino, reformar religiões, e engrandecer letras, podia dar sospetta, que só a isto attendia.

«Com tudo (alem de ser igual façanha, por voto dos prudentes, conquistar de novo, e conservar o alcançado) não deixava de reinar em seu animo o esforço militar, e a generosidade do espirito, que de seus antepassados, como por herança propria lhe pertencia. É verdade, que se não achava em pessoa nas guerras e batalhas, como nem seu pae se achou, por ter nestas partes inimigos, contra os quaes podesse guerrear, senão em Africa, e para estes tinha insignes capitães, e valorosos fronteiros, que sem ser necessaria sua presença, lhes punham o freio, alcançando cada dia illustres victorias. Nem se deve ter por pouco esforço, o que foi julgado por grande governo, e prudencia, largar algumas das praças e lugares, que estavam ganhados em Africa, como foram Safim, Azamor, Alcacere, e Arzilla, pois que em razão de estado, e regra de milicia, é averiguado; que não convem em terras fronteiras a gente inimiga, guerreira e poderosa, como é Portugal aos mouros africanos, dividir-se um rei em sustentar muitas praças pequenas, que não se podem bem defender sem arriscar a reputação: devendo só acudir a poucas de importancia, e bem fortalecidas em que se conserve o que se tem ganhado, e em que se rebatam as entradas do inimigo: como hoje o uzam, e uzavam antigamente os monarchas e principes bem aconselhados na guerra.

«Principalmente que as terras de Africa, que reinando elrei D. Manoel, estavam divididas por varios reis, e senhores, reinando elrei D. João estavam já unidas em um sceptro, e monarchia d'elrei Xerife, e por isso mais

facilmente se uniam os mouros em nos offender, e eram necessarias maiores forças para nos defender-mos. Tambem a experiencia tinha mostrado, que maiores ganhos eram os que nos vinham do trato da India, que das guerras em Africa; e com tudo com difficuldade viera elrei D. João em largar as ditas praças, senão fôra esse o parecer, não só do Summo Pontifice, mas de toda a boa milicia de Italia, e do mesmo imperador Carlos v. principe tão exercitado em guerras e famoso em victorias. Acrescentando-se que para exercicio das armas, e dano dos inimigos, bastavam as praças de Ceuta, Tangere, e Mazagão, que Sua Alteza de novo mandou guarnecer com armas, capitães, e cavalleiros esforçados que ja tinham dado mostras de seu valor em varias sahidas, e encontros, em especial no afamado cerco de Safim, que elrei Xerife contra nós sustentou, por espaço de seis mezes, com cem mil homens, de pé e de cavallo, dando terriveis assaltos, e baterias com artilheria que assestava, sobre machinas de estranho ardil; sendo os portuguezes tão poucos, que cada um tinha dos mouros á sua conta, muitos centos, e havendo-se tão honrada e valerosamente, que o Xerife de corrido, por mais não ser visto, levantou o cerco, e se foi, confessando que um só portuguez, valia por muitos mouros. No mesmo tempo mandou Sua Alteza fazer a fortaleza de Mazagão, junto ao mar, tão forte, e inexpugnavel, que se pode contar entre as famosas do mundo, como depois bem experimentou elrei Xerife, quando metendo o resto de Africa, veio nella quebrar suas forças, e mostrar o valor dos portuguezes.» — Chronica do padre Balthazar Telles.



Praça do Pelourinho, em Lisboa.

### CONTOS E LENDAS.

#### PRIMEIRO CONTO.

#### A CAMISA DO NOIVADO.

Continuação

#### VIII

Os sinos do presbyterio repicavam alegremente depois de levantar a Deus; o povo acotovelava-se á saída do estreito portal de volta ponteguda, e mais de um mancebo airoso, de faces queimadas pelo ardor do sol dos campos, passando, deixava escapar os olhos cheios de reticencias, e fazia corar a donzella, que mal ousava apenas erguer o rosto, attestando por uma promessa muda os juramentos murmurados na vespera.

O ruido dos pés, o borborinho das vozes, e os alaridos das creanças, correndo, e crusando-se pelo adro, por baixo das copadas arvores, que rodeavam a igreja, como se a fechassem dentro de um palmito, davam ares de festa e certa animação a esta scena popular.

Em quanto o reitor curvo e triste se encaminhava com vagar para a morada humilde, repartindo a benção pelos aldeãos, que lhe abriam alas, a Silvaninha, mais pallida e melancolica do que era o seu costume, amparava, descansando-o no seu braço delicado, o corpo tremulo da velha Aldonça; e diante d'ellas, como na presença do Pastor, os villãos desbarretavam-se com respeito, as mulheres acudiam para as verem e saudarem, e os rapazes, suspendendo os risos e as travessuras, agarravam-se-lhes ás capas fazendo-as intercessoras forçadas nas suas petições pueris.

Mais longe, encostado a uma antiga oliveira, debruçada pelos annos para a estrada, Tello, o bêteiro, de braços crusados, e com o arco a tiracollo sobre o hombro, seguia com a vista namorada a neta de Garcia, revendo-se na formosura, e na casta elegancia do seu talhe esbelto.

Mas antes das duas chegarem aonde as estavam esperando, um homem de elevada estatura, de semblante jovial, e gestos impetuosos, apressando o passo, achou-se primeiro ao pé d'ellas, que o maneebo.

O seu vestido era simples, mas apesar d'isso indicava condição nobre. O guarda-coz de ypre verde moldava com brio o tronco robusto; e a monteira do mesmo estofa, sem pluma, assentava com fragueiro desgarrado sobre os cabellos pretos e longos, cujos anneis pendiam com graça viril. Nas pupilas negras do cavalleiro ardia a chamma inquieta de uma indole ardente, ge-







Coronel Lake.



Tenente coronel Teesdale.

go Sant'Onen, que antes de professor, usara elle de uma longa cabelleira e toda frisada. Um legendario accrescenta que durante que elle se achava em Tours, occupado em fazer o tumulo de S. Martinho, um dia que o seu servo lhe tinha aparado o cabello, uma dama que o hospedava guardou a bacia onde elle caiu, bacia que, pelo andar dos tempos, veiu a ter o dom de produzir effeitos miraculosos. Na vida de Santo Estevão, escripta modernamente, lê-se que sendo elle ainda secular tinha já o ar de um monge, postoque não usasse dos cabellos cortados.

Na lei salica distinguem-se tambem as creanças pela denominação de *criniti* e *incrinili* (cabelludos ou não cabelludos), segundo pertenciam a familias francezas ou romanas; o que mostra que os francos deixavam crescer os cabellos a seus filhos, sem lh'os cortarem até á idade de doze annos: era então que lh'os cortavam pela primeira vez, e esta operação era feita com solemnidade, n'uma festa de familia a que davam o nome de *capilatoria*.

Os mesmos servos não usavam do cabello *rente*; postoque haja autores que affirmem que os servos eram obrigados a trazer o cabello cortado, como nós dizemos hoje, á *escovinha*. Mas diversos trechos de chronicas provam o contrario, e até por votos, motivados por doações e outras accções de piedade, se mostra que sobre isto não pode haver a menor duvida.

Os fieis consagrados ao serviço de Deus, como para fazer profissão exterior de humildade, eram aquelles que se viam quasi rapados. Ao par que os servos usavam de cabello, talvez como nós hoje, os individuos empregados nas occupações da igreja tinham a cabeça toda rapada, deixando só apenas uma estreita cinta de cabellos em roda, como usavam os noviços das ordens benedictinas. Todos os indícios induzem a crer que isto se dava não só com os monges e abbades, mas com todos os padres em geral.

Pelo que diz respeito ás mulheres, essas existindo naturalmente fora da ordem politica, é pouco de suppor que estivessem sujeitas a modificar ou contrafazer de qualquer sorte um ornamento de que este sexo dispõe sempre tão caprichosamente. Lê-se em S. Gregorio de Tours, que uma mulher, desejava aproximar-se do tumulo de S. Calés, em despeito da prohibição imposta ao seu sexo de entrar no mosteiro onde existia este monumento, determinou-se a cortar os cabellos e cingiu vestidos de homem, afim de o conseguir.

D'isto tudo infere-se que os cabellos compridos, conforme o maior ou menor excessos, servia na antiga França para distinguir umas classes das outras. Mas eram unicamente os reis que os usavam tão longos quanto lh'o permittia a natureza, e os dividiam em duas partes no al-

to da cabeça, caindo-lhes em madeixas e anneis pelos hombros e espadoas. O nome de *reis cabelludos* os caracterisava assaz. Este uso durou até á extincção da dynastia merovingiana.

«Estes principes, escreve um antigo chronista citado em Duchesne, contentavam-se com os nomes de reis e de estar sentados sobre o throno com immensos cabellos e uma barba da mesma sorte comprida.»

ANDRADE FERREIRA.

## O CASTIGO DO SENHOR.

### CONTO AO SERÃO.

Continuação.

#### VI

TUDO VAE BEM.

Havia um contraste admiravel nas fronteiras dos dois jovens; o homem que supplicava o innocente amor d'um puro coração, e que tivera a ventura de não ver desmentidos os seus desejos ardentes, mostrava no rosto angustiado toda a desesperação d'um condemnado; tanto era d'espantar a mudança, que em tão pouco se operara em Fernando, que seu pae parou á porta da entrada, e teria inquirido logo o que podia occasionar tão grande magoa, se Laura lhe não corresse ao encontro, louca, festiva, e alegre, e lhe não dissesse o mais ingenuamente que tem podido pronunciar-se palavras no mundo:

— Oh! não sabe, meu pae, Fernando Affonso quer casar comigo.

— Casar contigo?! E a admiração assomava inda maior ao rosto do Castigo do Senhor. Em verdade, continuava elle, que não vejo porque possa dar esse casamento, que é só de felicidade, tão tremenda afflicção ao rosto do que tem a ventura de ser escolhido por ti.

— Não fui eu que o escolhi, foi elle que me pediu.

— Então ficas mudo, Fernando?!

E o velho que de ha muito nutria a idéa de ligar seus filhos, para que não se visse ao cabo de vinte annos de dedicação, abandonado ainda e sem a familia que adquirira, depois que a sua sorte cruel lhe roubara os amigos da infancia, e a unica mulher que amara, não podia deixar de inquietar-se, vendo que o filho parecia desmentir, pelo tormento que se lhe pintava na fronte, o pedido que Laura affirmava ter tido logar ha pouco!

Fernando, porém, não deixou por muito em duvida

o velho que respeitava como um bemfeitor amigo, e como um pae; e mostrou-lhe quanto o pensamento de que não lhe tivesse Laura mais do que amor puro e santo de irmã, lhe torturava a alma; quanto isto lhe parecia nada em troca do amor violento e energico que se lhe alevantara no coração, desde o momento que soubera não ser Laura sua irmã: lembrou ainda ao chefe dos bandidos os receios que o tinham assaltado, de ser verdadeiro irmão da que amava loucamente, por terem sido achados no mesmo logar, e na mesma hora.

Não pôde deixar Paulino de sorrir com aquillo que seu filho appellidava magoas horrorosas; e de condemnar, como loucuras, todos os terrores do bom Fernando.

— O amor, começou o pae sentando-se no meio de seus filhos, não tem essa ardentia senão nos primeiros instantes da existencia: esse estado de febre tem sempre de passar, e de ceder o logar a uma amizade pura e verdadeira, mas sem essa exaggeração para que sempre dure.

— É verdade, meu pae, dizia Laura, creio que heide ser venturosa, sendo mulher do meu Fernando, porque elle hade ser muito feliz, porque não sairei da companhia de meu pae; e porque Theodoro tambem viverá ao nosso lado; porque vão haver festas, regosijos, e...

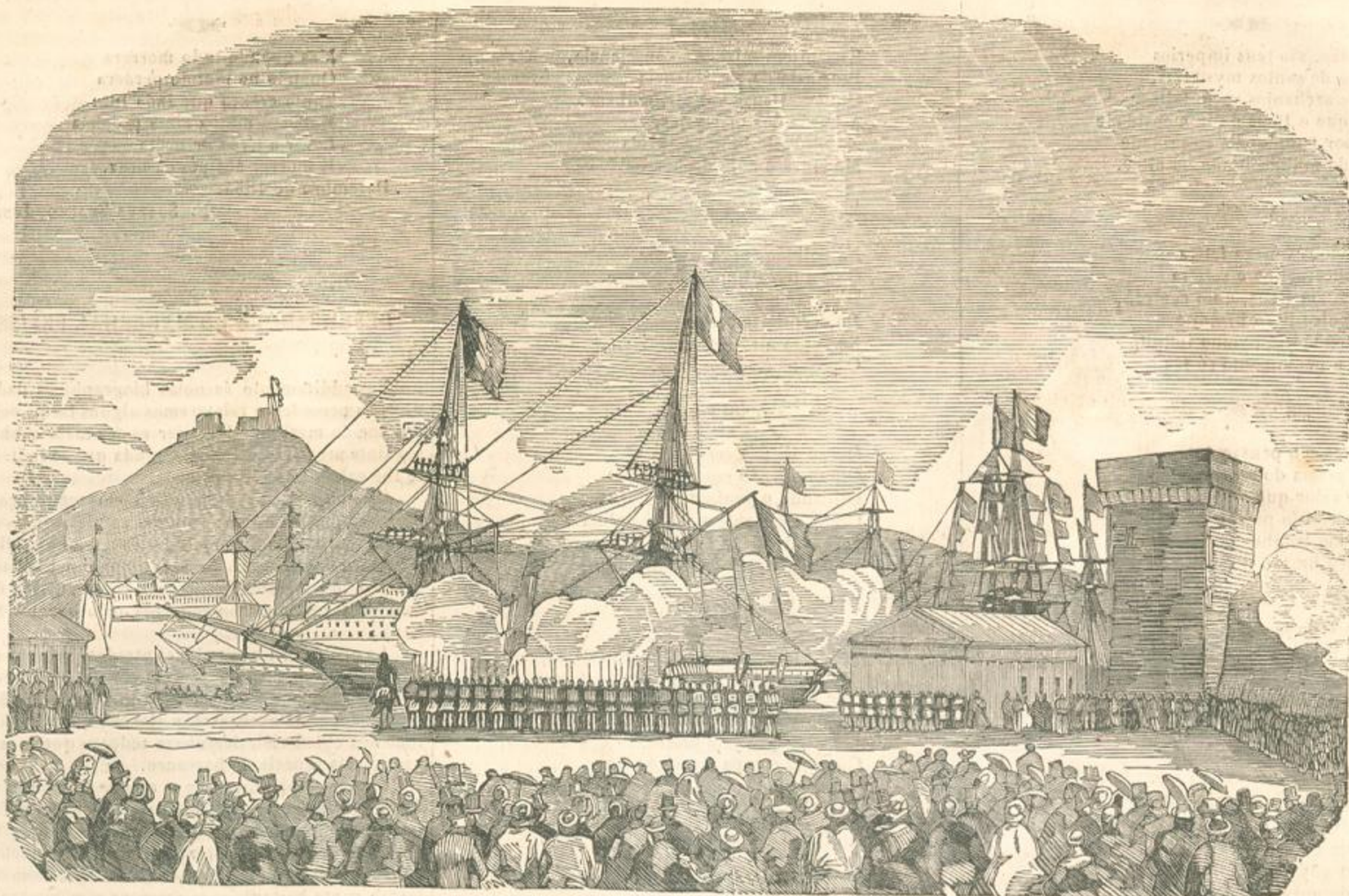
— Sim, sim, e tudo que tu quizeres, atalhava o velho, ao mesmo tempo que Fernando, duvidando ainda, dizia a si mesmo:

— Não creio.

Mas não fallou tão baixo que o não ouvisse Paulino, que tornou:

— Tambem como tu soffri a força devoradora do amor, tambem acreditei que era de fogo a sua vida... e oh! se eu conheci o contrario!... Fui porém mais desditoso!... mas deixemos isto; a tua ventura, o bem de tua irmã é o de que se trata; Laura será tua mulher, e o amor da mulher, cre meu Fernando, nasce fraco e timido, para agigantar-se cada dia, ao passo que no coração dos homens nasce forte e robusto para desfazer-se em cada hora.

Depois desfez os chimericos pensamentos de poderem ser os dois nascidos do mesmo sangue; e em verdade, se assim fosse, viria a menina Laura embrulhada em ricas mantilhas, e acompanhada do bilhete que dava esperanças de que podesse ainda abraçar na terra alguém da sua familia; e o pobre Fernando coberto quasi dos farrapos da miseria, sem mais nada para que fosse talvez reconhecido, do que uma cadea de cobre com um retrato de mulher? De certo se houvesse entre elles outra ligação, que não fossem os laços com que os prendera Paulino, e com que Deus os ia prender em breve, quando não estivessem reunidos no mesmo logar da estrada, estariam ao menos,



Desembarque do marechal Pelissier, em Marselha.

ou com a mesma pobreza, ou com a mesma magnificência. Fosse porém como fosse, Paulino rejeitava esta idéa como absurda, e como tal a fez rejeitar ao seu filho adoptivo; e disse-lhe ainda, mas levantou-se, e foi para um lugar onde não pudesse ser escutado pela joven:

— O meu unico receio é o teu genio violento e cheio d'arrebatamentos; és bom quando a colera te dá tempo de pensar, mas capaz... eu sei... Deus queira que me engane... até de commetter crimes.

— Juro-vos, meu amigo... tornava submisso o apaixonado mancebo.

— Sei o que vae dizer, disse ainda Paulino, tambem o julgo... A ternura, e innocencia da que vae ser tua mulher, hade domar-te o character energico, que por tantas vezes me tem amedrontado. Olha para ella, torna-a bem feliz. Que ella me não pergunte um dia pela felicidade que prometti dar-lhe, e que eu lh'a não possa achar no mundo; e que te não pergunte eu por esse amor, e que então elle a ti mesmo lembre como um sonho.

— É impossivel, exclamou com a mais funda convicção o bom Fernando, só o amor de Laura me pode fazer o mais virtuoso, e o mais feliz; assim como o seu despre-

so me faria o mais infame e o mais desgraçado: mas isso é impossivel, não é, minha Laura?

E beijava em delirio d'amor a dextra que Paulino depositava pouco depois entre as mãos do seu protegido. Só faltava ali Theodoro para receber a sua parte na felicidade dos seus amigos, mas trouxe-o Deus depressa; e Laura não se demorou em narrar-lhe tudo que se passara e a felicidade de que ia gosar; mas Theodoro se não disse uma palavra que mostrasse idéas oppostas ás dos seus amigos, pensou que os arrebatamentos do genio imperioso de Fernando eram bem pouco azados a ligarem-se á candura, ainda innocente de Laura; e não acreditou na sua dita para o futuro.

Algum tempo depois estavam á mesa, e corria o jantar alegremente: talvez nunca depois que tinham regressado a Portugal houvesse em casa de Paulino, ou do senhor Roberto Guilherme, como era conhecido em toda a parte, um dia mais aprasivel. Fallou-se de muitas festas, de muitos preparativos para o noivado.

O proprietario e commerciante era muito conhecido nos arredores, e já contava com a presença dos seus vizinhos, o que muitas vezes acontecia.

Assim corre o mundo: mal pensavam elles que o rico e abastado Roberto Guilherme de Sepulveda, era nada menos que o homem cujo nome gelava de medo os habitantes do lugar — o Castigo do Senhor!

N'esse mesmo dia por noite chegou ao palacio a noticia de que morrera quasi repentinamente na estalagem da cidade de Leiria um homem que parecia ser pobre, e que deixara, para ser entregue ao senhor Roberto Guilherme, uma caixa enleada e lacrada, designando ao dono da estalagem a quem a confiou a epoca precisa para que a entrega se fizesse, mas isso não soube dizello o mensageiro.

Paulino admirou-se bastante, mas n'um dia de festa — tudo vae bem.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

Continua.

A SOLIDÃO.

I

Solidão, foi por teu canto  
Que o rei David, o rei santo  
Modelou santas canções;  
E teu cantar d'harmonia,  
Nos deu Camões na poesia  
Traduzindo teus pregões.



Solidão, são teus imperios  
Ricos de santos mysterios,  
Onde archanjos veem fallar:  
Em que o Deus da immensidade  
Dá por templo—a eternidade  
Faz do mundo immenso altar.

Solidão, és maga lettra  
Que descortina e solettra  
Quem em Deus, e no ceu cre,  
És d'oiro livro bemdito,  
Contendo um hymno infinito  
Que o pensamento só lê:

Solettra-o o pensamento  
Que acima do sentimento,  
Tem valor que acima vale,  
Cada seculo passando  
Vae um tropheo tributando  
Ao seu brazão divinal.

O passado já dormente  
Vem surgir ante o presente  
E o porvir faz antever!  
Solidão, tu nos ensinas  
Do passado nas ruinas...  
O futuro então a ver.

D'um lado a velha Pompeia  
D'entre a cinza que a rodeia  
Parece quer desertar;  
E dos abysmos profundos  
Vir de novo a novos mundos  
Novas leis potente dar.

Valentes pendões d'outr'ora  
Eu vejo da campã fora  
Ante alheios pavilhões!  
As lusitanas bandeiras  
Tremular vejo primeiras  
Sobre um mar de gerações.

A mente se me fascina!...  
Das orlas da Palestina  
Luzente facho s'ergueu!  
Que nasceu de Deus o filho...  
Puro sol d'immense brilho,  
Sol do sol... que a luz nos deu!  
Lá vejo a dextra deicida;  
Na infamia alarga a vida,  
No inferno troca o ceo.

Pelo crime o Christo é morto,  
Baqueia... e o mundo absorto  
Nova vida então viveu:  
Por throno—dão-lhe o calvario,  
Apoz se rasga o sudario  
Em que um pae nos envolveu.

De chuva a terra se alaga,  
Do fogo o brilho se apaga,  
Traja luto a terra e o mar;  
E os raios são—luz do inferno,  
E a procella—a voz do Eterno  
Pelos crimes a rogar.

Por elle, a crença cravada  
Na minha alma, brilha ousada  
Nem a toldam brancos veos;  
Por elle as portas celestes  
Minha alma transporá prestes  
A viver aos pés de Deus.

## II

Aqui só... tenho momentos  
Que ou morrem meus pensamentos,  
Ou vivem d'outro viver;  
Vejo então, da crença a palma  
Mas vejo-a com os olhos d'alma,  
Como nunca a soube ver.

Do orgão, lembra-me o canto,  
E sinto no hymno santo  
Cada nota dizer—Deus!—  
E—Deus—repetem os ares!  
Do ecco são os cantares  
Em honra do rei dos ceos.

Escutô em mim—á consciencia,  
Propheta da Providencia  
Ouvi—Deus—dizer tambem!  
A corôa dos martyrios,  
Na c'róa de brancos lyrios  
Me troca o anjo do bem.

Na solidão surge a prece,  
Que a terra nunca s'esquece  
D'eivar aos pés de Deus!  
Do scepticismo o sudario  
Se rasga ali!—solitario  
O pensar é só dos ceos.

Quem ali não será crente?  
Quem ali não curva a frente  
Calcando o genio do mal?  
Quem não sente a nobre palma  
Do amor, e as crenças d'alma,  
Pelas crenças immortal?!

Quem não cre não vive. A crença  
É a luz da luz immensa  
Que do ceo á terra vem:  
Que o sceptico é sem conforto,  
Cadaver que vive morto,  
Que por campã o mundo tem.

Eu por mim... n'este deserto  
Da vida no abysmo incerto,  
Nas cruces dos mausoleos,  
No brando canto das aves,  
E nas voz que pelas naves  
Vae subir até aos ceos,  
No mar, na terra, nas flores  
N'amisade e nos amores,  
Vejo sempre a mão de Deus.

Mas as campinas e os mares  
Mandam em magos cantares  
Ao Eterno eterno amor:  
E o ceo d'estrellas thesouro,  
Tem cravado em letras d'oiro  
Mil hossanas ao Senhor.

## III

Dize, solidão, por ventura  
Cantam anjos teu rumor?  
São preces que a creatura  
Leva aos pés do Creator?  
Da virge, é canto que brilha  
Rogando a Deus como filha,  
Rogando apoz como mãe?  
Ou são dos mortos as trovas  
Offertando aos homens provas  
Que ha vida da vida além?

Que será? Não sei. Q'importa  
Se a sciencia mata a fé!  
É a fé quem me conforta  
Junto a mim sempre de pé.  
Se a terra é val'infinito  
Aonde o homem proscripto  
Tanta dôr tem de sentir....  
Já no ceo vejo a guarida  
D'esse viver d'outra vida,  
Sem velar... mas sem dormir.

Solidão, por ti vem tudo  
Nas cordas d'alma vibrar,  
O cynismo aqui é mudo,  
Só vem Deus aqui fallar.

Sobre a terra mil caricias  
Podem á terra prender  
Que a vida encontra delicias  
Em larga vida a viver.

Que da gloria e d'amisade  
Fallam mil e mil tropheos  
E do amor té a saudade  
Dá na terra a luz dos ceos.

Mas quando tudo morrera  
Quando no mundo perdera  
Tanta crença que inda luz:  
Então—minha alma projecta  
Levar a c'róa de poeta  
E morrer aos pés da cruz.

Dezembro de 1854.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

## DESEMBARQUE DO MARECHAL PELISSIER.

Em additamento ás notas biographicas dadas em o numero precedente relataremos alguns factos pelos quaes o nome do marechal Pelissier se fez mais conhecido. O seguinte prova a sua energia, ainda que só indirectamente lhe cabe a responsabilidade.

Os ouled-riah tinham posto em segurança as suas mulheres, filhos e thesouros nas amplas grutas do Dahr, cavadas na montanha do Kantara; tambem elles ali se refugiaram, e foram atacados pelo coronel Pelissier, que acabava de dar uma batida aos beni-zentes e devia reunir-se á columna commandada pelo general Saint Arnaud.

As grutas só tinham duas entradas, sobreposta uma á outra, para onde dava serventia uma vereda de beiras muito escarpadas. Uma companhia de granadeiros recebeu ordem de avançar por este caminho difficil, mas o fogo dos ouled-riah derrubava todos os que se embrenhavam n'esta especie de barranco.

«Forçoso foi renunciar o ataque de frente (diz mr. Leon Plée na sua exacta obra sobre a guerra d'África) e tratou-se do investimento; a fome obrigaría talvez os ouled-riah a submeterem-se; mas o coronel Pelissier tinha pressa de juntar-se ao seu collega; além d'isso não levava gente bastante para acampar com demora n'aquellas montanhas, onde uma rebellião poderia aniquilar a tropa; e finalmente um cerco não estava em conformidade com as suas instrucções, e tinha ordem de destruir a todo o custo o prestigio inherente aos refugios de Kantara.

«Uma idéa infernal, imitada desgraçadamente ou das nossas guerras civis ou das dos hespanhocs na America, segundo queiram, havia sido indicada pelo governador geral como recurso extremo, isto é atemorizar os kabylys ameaçando suffocal-os nas grutas com fogo e fumo; e pensava-se que á vista de similhante ameaça toda a resistencia cessaria.

«Tendo-se conseguido, não sem muito trabalho, entrar em communicação com os defensores das cavernas intimou-se-lhes com effeito a ameaça aconselhada pelo marechal Bugeaud; desprezaram-n'a e até mataram um dos nossos parlamentarios. Passou-se logo a dar começo ao cumprimento da comminação, julgando-se que a indifferença d'elles provinha de estarem capacitados do pouco fundamento para realisar-se o que se lhes intimara. Das alturas do monte se arrojaram feixes de lenha e feno sobre as entradas das grutas; os kabylys os removiam tão depressa eram arremessados; porém, o fogo dos nossos atiradores fel-os entranhar nas cavernas, e formando as faxinas um enorme entulho só faltava pegar-lhe o lume.

«O que então se passou nas grutas do Dahr ninguem o soube. Sem duvida os marabutos e caudilhos se oppuzeram á saída de roldão e constrangeram aquella gente a esperar que se cumprisse a ameaça do coronel francez; talvez se travassem medonhos combates n'aquelles antros mysteriosos. Como quer que fosse, reinava grande indecisão entre os nossos officiaes e subalternos. Não é possível, dizia-se, tem por alguma parte saída que não conhecemos. Este raciocinio, cuja autenticidade affiançamos, provocou a seguinte resposta:—Se ha outra saída além das que estão cercadas, breve o veremos.—E logo se lançaram materiaes inflammados sobre as rumas de lenha e palha amontoadas.

«O fogo, como se não quizesse associar-se aos horrores d'esta pyra humana que a conquista franceza levantava á nacionalidade arabe, recusou por muito tempo atear a mole de combustiveis lançados pela nossa tropa ás boccas das cavernas; alguns arabes evadiram-se e foram não mui distante buscar agua; esperou-se que outros os seguiriam, e que teria logar a submissão; baldada esperança! No momento em que o sol começava a declinar do seu zenith levantou-se vento que embocava pelas aberturas do Dahr; começou a redomoinhar a labareda, altear-se e lambar as paredes do macisso, e depois a engolpar-se nas grutas com bastos rolos de fumo empurrados pelo vento. Então desceram os nossos soldados; muitos cuidavam que os arabes tinham fugido por alguma abertura secreta, ou pelo menos achado algum couto, onde não penetravam as chammãs; e o que deu mais voga a esta ultima idéa foi ouvirem-se tiros distinctamente pela volta da meia noite. Então arrojaram-se novos combustiveis á bocca das cavernas; cessaram as detonações, e houve na tropa um momento de pavor que não ha palavras que o expliquem. Os ouled-riah não tinham fugido: heroicamente se deixaram queimar ou asphyxiar! Esta angustia durou até á madrugada.



